



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Ana Lúcia de Souza Costa

**O conceito de belo em arte/educação no Ensino Fundamental II
em escolas públicas**

Brasília DF
2024



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Ana Lúcia de Souza Costa

**O conceito de belo em arte/educação no Ensino Fundamental II
em escolas públicas**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Universidade de
Brasília como parte das exigências
para a obtenção do título de
Habilitação de Licenciatura em Artes
Visuais do Instituto de Artes da UnB.
Orientador: Prof. Dr. Luís Müller
Posca.

Brasília DF

2024



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Ana Lúcia de Souza Costa

**O conceito de belo em arte/educação no Ensino Fundamental II
em escolas públicas**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Universidade de
Brasília como parte das exigências
para a obtenção do título de
Habilitação de Licenciatura em Artes
Visuais do Instituto de Artes da UnB.
Orientador: Prof. Dr. Luís Müller
Posca.

COMISSÃO EXAMINADORA

Maria Del Rosário Tatiana Fernandez Mendez

Prof. Dr./Me.: Preencher

Universidade de Brasília. IdA.

Maria do Carmo Couto da Silva

Prof^a. Dr^a.Me.: Preencher

Universidade de Brasília. IdA.

Brasília, 13 de julho de 2024

No belo, o ser humano se coloca como medida da perfeição...

Nietzsche

Agradecimentos

Em primeiro lugar, a Deus, pela minha vida, por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso e fazer com que meus objetivos fossem alcançados durante todos esses anos de estudos.

Ao meu marido e filhos que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

A um amigo em especial, que me aconselhou e me apoiou, me redirecionando para o caminho quando pensei em desistir pensando que não iria conseguir concluir este trabalho.

Aos professores pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional.

Resumo

COSTA, Ana Lúcia de Souza. **O conceito de belo em arte/educação no Ensino Fundamental II em escolas públicas**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade de Brasília, 2024.

A arte está relacionada às primeiras formas de expressão humana e dependendo do local e momento histórico, se manifestou de diferentes maneiras, trazendo várias discussões ao longo dos tempos sobre beleza. É necessário compreender qual o papel do belo na educação em artes visuais e seus possíveis impactos na arte contemporânea e como essa compreensão poderá influenciar futuras perspectivas sobre as expressões artísticas da sociedade em geral. O desenvolvimento desta pesquisa foi organizado em conhecimento passado, entendimento presente e busca pela oportunidade futura, sendo pesquisados vários autores e mediante entrevista a professores e alunos. O belo na educação em artes visuais é algo complexo que envolve vários aspectos objetivos e subjetivos, além de relativo e sofre várias mutações. Podemos ver em vários períodos da história que o belo foi caracterizado como algo que agrada, algo que nos causa admiração e sua relação com o sublime e a estética. O belo está por toda parte e se apresenta para nós, por isso devemos trazê-lo para o centro das nossas vidas. O conhecimento e a apreciação do belo é muito importante para o desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Arte. Belo. Educação. Conceito.

Lista de imagens

Figura 1. Roda de bicicleta.....	19
Figura 2. Fonte.....	19
Figura 3. Paisagem de Vétheuil.....	20
Figura 4. Composição VIII.....	21
Figura 5. Basílica de Santa Croce.....	25
Figura 6. Desenho Isabella.....	33
Figura 7. Desenho Jully.....	34
Figura 8. Desenho Thiego.....	34
Figura 9. Pintura Rafael.....	35
Figura 10. Monalisa.....	36
Figura 11. Desenho Anna Júlia.....	37
Figura 12. Origami Leonardo.....	38
Figura 13. Desenho Hanna.....	38
Figura 14. Escultura Maria Rita.....	39
Figura 15. Desenho Erick Eduardo.....	39
Figura 16. Desk'Artes.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - As mudanças do conceito de belo na arte/educação	14
1.1. A relação entre o belo e o sublime	19
CAPÍTULO II - Percepções estéticas e avaliação do belo na arte/educação	23
2.1. O belo e suas percepções estéticas na arte	25
2.2. Entrevistas	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	40

Introdução

A arte está relacionada às primeiras formas de expressão humana e dependendo do local e momento histórico, se manifestou de diferentes maneiras, trazendo várias discussões ao longo dos tempos quando o assunto é sobre beleza. Eco (2004) em seu livro *História da Beleza* percorre esse caminho apresentando ideias de beleza através dos séculos.

No século XX, o conceito de belo é definitivamente desvalorizado no âmbito da arte, o que não significa que o público tenha abdicado completamente de uma noção conservadora de beleza em seus julgamentos estéticos. É importante ressaltar também que esse campo do saber está em constante construção, não sendo algo estático, mas sim arquitetado a todo momento pelas diversas demonstrações artísticas que surgem na sociedade.

É importante voltarmos para este tema tão complexo. A arte faz parte da vida do ser humano, está em sua rotina, está em toda parte e na escola não seria diferente. Quando as crianças fazem o primeiro contato com a arte em sala de aula, é fundamental que o professor mostre a elas a importância da apreciação e contemplação do belo, isso a estimulará a caprichar e fazer bem feito todas as atividades a elas designadas, além de colaborar de forma positiva para o desenvolvimento humano.

No âmbito da educação percebemos que a arte em diversos momentos foi relevada e nunca julgada ser necessária para o desenvolvimento humano, sendo o belo um assunto pouco discutido na educação tradicional com uma apresentação supérflua nas competências específicas para o ensino. O belo na educação em artes visuais é algo complexo que envolve vários aspectos objetivos e subjetivos. Para analisar esses aspectos, serão abordados alguns pontos necessários para compreensão do tema central, são eles:

Contextualização histórica e cultural: A educação em artes visuais também nos permite compreender a beleza dentro de seu contexto histórico e cultural. A arte sempre esteve presente na vida e nas sociedades humanas, desde os homens primitivos até a atualidade, e vai continuar presente. Só essa constatação nos mostra que a arte possui uma função social, pois, se assim não o fosse, já teria sido abandonada. Estudar diferentes escolas, movimentos e períodos artísticos

nos ajudam a apreciar a beleza considerando as influências sociais, políticas e econômicas que permeiam as obras de arte.

Percepção estética: Voltada principalmente para a beleza e a arte, a estética está intimamente ligada à realidade e às pretensões humanas de dominar, moldar, representar, reproduzir, completar, alterar, apropriar-se do mundo como realidade humanizada. Na contemporaneidade, a estética nos conduz para além do império da técnica, e da arte como produto comercial, ou do belo como conceito acessível para poucos, na busca de espaço de reflexão, pensamento, representação e contemplação do mundo. A educação em artes visuais nos ajuda a desenvolver essa percepção estética, nos permitindo valorizar e compreender a beleza em diferentes manifestações artísticas.

Fazendo uma análise aprofundada desses aspectos importantes buscaremos entender qual o papel do belo na educação em artes visuais e o que torna o assunto abrangente e discutível para sua real contribuição no desenvolvimento de crianças, jovens e adultos na educação e como isso afeta na compreensão da arte contemporânea.

O componente curricular Arte é uma disciplina presente em sala de aula a quase 52 anos, mas somente a partir de 1996 se tornou obrigatória na grade curricular do ensino fundamental e médio, mesmo com todas as discussões acerca da importância de sua contribuição para o desenvolvimento do aluno, é explícito que seu valor para o currículo do jovem é visto como simplista, atividades de fruição ou relaxamento, muitos professores ainda tentam desenvolver a criatividade de seus alunos trazendo algo a mais do que somente as competências específicas obrigatórias.

Destacamos aqui as palavras de Freire (2008) quando diz que a formação do professor não se baseia apenas em uma formação formal, podendo acontecer também de forma informal. O professor aprende no cotidiano, Freire (2008) afirma que aprendeu muito com os acontecimentos da vida, e esse aprendizado no dia a dia torna o professor uma pessoa mais forte na sua identidade.

Quando falamos em arte/educação o que nos remete é o aprendizado da pintura ou do desenho, ou sobre grandes artistas do passado e nos esquecemos que neste meio existe o conhecimento do belo e sua contemplação, do que a sociedade atual e passada visava como dito bom de se ver a parte essencial de desenvolvimento crítico sobre imagens, a parte emocional ou a conexão cultural.

É em sala de aula que temos acesso aos primeiros conceitos de arte, do que é arte e qual sua importância para sociedade, é durante nossa vida acadêmica que construímos conceitos importantes para formação de indivíduos que sejam mais sensíveis e abertos a análise das formas de expressão.

Na arte o belo é representado e interpretado de várias formas podendo despertar no indivíduo variadas reações e inspirações, as quais nem sempre se relacionam com a mensagem de fato que o artista quis representar. Nem sempre, aquele que observa ou aprecia uma obra de arte consegue sentir ou enxergar a beleza e os sentimentos colocados na obra durante a criação feita pelo artista.

Por isso o conceito de belo é definido como algo subjetivo, pois é analisado de forma individual e suas percepções e definições variam de um indivíduo para outro, como afirma o autor Hume (1973, p. 316): “beleza não é uma qualidade das próprias coisas, existe apenas no espírito que as contempla, e cada espírito percebe uma beleza diferente”.

Isso mostra que um objeto considerado belo por alguém não precisa ser necessariamente belo, subjetivamente falando, podemos dizer que o que torna algo belo é a maneira como esse objeto é visto, como é apreciado, o conceito de beleza parte do espírito, de dentro do indivíduo e cada um percebe uma beleza diferente, mesmo se tratando do mesmo objeto.

Observando o belo na arte mais de perto e de forma mais ampla, podemos observar que a beleza pode nos proporcionar várias coisas como por exemplo: ela nos permite contemplar e admirar as inúmeras virtudes ou qualidades humanas; a beleza também faz com que se manifeste em cada indivíduo certos sentimentos que talvez estivessem adormecidos, fazendo-os vir à tona; a beleza também pode expressar dando-nos a perceber aquilo que consideramos exemplar, robusto, poderoso, atlético e que sempre despertou admiração entre os homens.

No campo das artes o belo pode ser definido de várias formas e nos proporcionar diversas sensações. Houve um período em que ele foi perdendo o sentido e foi justamente nesse período que vimos em paralelo com o belo a expressão sublime. Apesar de que para os gregos antigos não existia uma definição clara para o termo beleza, e talvez hoje ainda seja difícil para nós encontrar essa definição clara, ainda assim os gregos associavam beleza a outros valores como a sabedoria e a justiça, ampliando ainda mais sua definição,

o que contribuiu de forma clara o significado de belo como algo que agrada, algo que provoca admiração.

A compreensão do belo sempre nos leva a novos caminhos e possibilidades no âmbito da arte e é válido tentar entender as oportunidades que essa visão pode nos proporcionar. Em sala de aula podemos aprender e entender como a apreciação do belo e suas definições ao longo do tempo vem alterando e transformando a nossa compreensão de arte nos dias de hoje. Por isso a importância de entendermos o belo na educação em artes visuais. Como o belo é visto hoje nas aulas de arte? Ele é avaliado? Se sim, de que forma? Diante disso cabe-nos aprofundarmos nas formas como as expressões artísticas se apresentaram em determinado período e como essas discussões em sala de aula podem influenciar essas novas perspectivas, podendo assim trazer novas ferramentas para a educação, e toda uma transformação.

Para isso é necessário compreender qual o papel do belo na educação em artes visuais e seus possíveis impactos na arte contemporânea e como essa compreensão poderá influenciar futuras perspectivas sobre as expressões artísticas da sociedade em geral. Podendo assim, compreender o conceito de belo nas eras passadas e o que permanece até hoje, identificar conceitos específicos que nos ajudem a caracterizar a contemplação do belo e relatar sobre experiências de professores e alunos nas atividades de arte desenvolvidas em sala de aula e a avaliação de belo.

O método adotado para o desenvolvimento desta pesquisa foi organizado em conhecimento passado, entendimento presente e busca pela oportunidade futura. A metodologia tem como propósito a pesquisa descritiva, pois seu assunto já é conhecido mas ainda desperta interesse. O conhecimento passado foi analisado buscando artigos e textos de conhecimento público e didático disposto na internet e bibliotecas, para entendermos o caminho histórico percorrido, bem como, algumas publicações do filósofo Kant (1790), quando escreveu a terceira de suas três críticas, entre outras publicações. No conhecimento presente foram observadas publicações de autores específicos como Schiller (2002), Freire (2008), Danto (2003), Eco (2004), Jimenez (1999), Gardner (2012), entre outros autores renomados, incluindo artigos, livros e entrevistas, que explicam suas visões sobre arte, conceitos de belo e suas contribuições na educação.

A abordagem desta metodologia será qualitativa pois visa coletar dados mais subjetivos e está diretamente relacionada a comportamentos, opiniões, sentimentos e percepções individuais. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa age de forma interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores desenvolvem suas pesquisas em seus cenários naturais, buscando entender os significados que as pessoas conferem a determinados assuntos. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que os envolvem.

Como técnica serão feitas entrevistas a professores e alunos do Ensino Fundamental II em duas escolas públicas e uma escola público/privada na Cidade de Goianópolis-GO. Nestas entrevistas, os professores e os alunos que serão entrevistados responderão a um questionamento simples relacionado às aulas de arte e como o belo é visto e avaliado nessas aulas.

A presente monografia será dividida em dois capítulos, o primeiro capítulo tem com título: As mudanças do conceito de belo na arte/educação, o qual será dedicado à contextualização histórica e cultural, onde serão mostradas as diversas mudanças no que diz respeito ao belo em relação à arte. Ainda no primeiro capítulo teremos o subtítulo: A relação entre o belo e o sublime, o qual irá mostrar como o belo foi perdendo sua força no campo da arte, dando lugar ao sublime que foi ganhando força entre os admiradores de arte. Foi um período em que o belo foi ficando cada vez menos suficiente para alcançar a grandeza de uma obra artística, usando-se a partir daí o termo sublime com mais frequência. O segundo capítulo com o título: Percepções estéticas e avaliação do belo na arte/educação trará diversas opiniões de alunos e professores do Ensino Fundamental II da rede pública e privada de educação sobre a contemplação e avaliação do belo nas aulas de arte, tais opiniões serão coletadas através de entrevista. Terá como subtítulo: O belo e sua percepção estética na arte, onde teremos a oportunidade de ver opiniões diversas de autores referentes à ligação direta da estética e o belo. Teremos ainda no segundo capítulo o subtítulo: Entrevistas, descrevendo as opiniões de professores e alunos do Ensino Fundamental II a respeito do belo e da arte e como é feita a sua avaliação em sala de aula.

CAPÍTULO I - As mudanças do conceito de belo na arte/educação

Em diversas épocas históricas o belo sempre esteve relacionado ao bom. Se é agradável aos olhos eu quero ter. Sempre que falamos de beleza pensamos em arte, pois o termo beleza está relacionado diretamente com a arte. Falando nisso, durante vários períodos que marcaram o campo das artes, podemos ver vários conceitos de beleza e muitos destes conceitos coexistindo na mesma época.

Podemos ver em vários períodos da história que o belo foi caracterizado como algo que agrada, algo que nos causa admiração, sendo que para alguns povos o belo se baseava em três critérios: ordem, simetria e proporção, isto é, para esses povos o belo era caracterizado de acordo com a forma que os elementos da obra eram ordenados, se existia uma simetria entre eles e de acordo com sua proporção, quantidade, tamanho ou localização.

Mas nem todos tem esta visão em relação ao belo, pois nem tudo que é ordenado é belo e nem tudo que é belo é ordenado. Além desses conceitos dependerem da visão dos artistas, a pessoa que aprecia uma obra de arte também apresenta conceitos do belo sobre o objeto contemplado de acordo com suas próprias percepções. São inúmeras as definições ou tentativas de definições sobre o belo, principalmente no campo das artes, no qual vários autores escreveram sobre diversos conceitos.

Eco (2004) em seu livro *História da Beleza* diz que a beleza é algo subjetivo e varia com o local (povo, região e cultura) e com o tempo. Porém mesmo chegando a uma conclusão quanto ao conceito de beleza, ainda assim não abrange todo um determinado local ou tempo. Eco (2004) parte do princípio de que “o sentido da beleza é mutável e diverso do sentido do desejo:

O sequioso que ao dar com uma fonte e precipita-se para beber não lhe contempla a beleza. Poderá fazê-lo depois, uma vez satisfeito o seu desejo. Por isso, o sentido da beleza é diverso do sentido do desejo. Podemos considerar alguns seres humanos belíssimos, mesmo que não os desejemos sexualmente, ou que saibamos que nunca poderão ser nossos. Se, ao contrário, se deseja um ser humano (que além do mais poderia até ser feio) e não se pode ter com ele as relações almejadas, sofre-se. (Eco, 2004, p. 10)

Com base neste princípio, podemos afirmar que nem sempre desejamos o que é agradável aos olhos, ou seja, o que é belo, de acordo com Eco (2004), primeiro satisfaz-se o desejo para depois contemplar o belo.

Gardner (2012) em seu livro *O Verdadeiro, o Bom e o Belo Redefinidos* (2012) também afirma sobre essa mutação do sentido ou conceito de beleza no decorrer da história. Segundo ele, a beleza é continuamente afetada por fatores históricos, culturais e pessoais diferindo assim, de uma pessoa para outra. Além disso, Gardner (2012) distingue beleza entre “beleza tradicional” por um lado e “senso individual de beleza” por outro. Na beleza tradicional vemos as diversas mudanças sobre o conceito de belo, de acordo com cada período, apesar de que mesmo assim, sempre existiu o senso individual de beleza, pois cada indivíduo é capaz de definir seu próprio conceito de beleza em sua subjetividade.

Com isso, podemos dizer que mesmo com tantas definições e conceitos de belo apresentados na história da arte, nenhum é capaz de definir com exatidão o que vem a ser belo, pois cada indivíduo possui dentro de si a capacidade de ressignificar o que ao longo da história sempre foi considerado belo.

Considerando tantas distinções, Eco (2012) reafirma que a beleza é algo subjetivo e variável, sendo assim, de difícil denominação, além disso, mesmo que a arte ou a cultura influenciam na percepção estética dos indivíduos, o livre arbítrio ainda permanece.

Eco (2012) também apresenta a beleza como sendo relativa e mutável, acredita-se que das diversas concepções de beleza, algumas se mantiveram em comum entre vários povos através dos tempos e podem ser encontradas nas várias modalidades de arte. Nesse sentido, o autor chega à seguinte definição:

O objeto belo é um objeto que, em virtude de sua forma, deleita os sentidos, e entre estes em particular o olhar e a audição. Mas não são apenas os aspectos perceptíveis através dos sentidos que exprimem a beleza do objeto: no caso do corpo humano assumem um papel relevante também as qualidades da alma e do caráter, que são percebidas mais com os olhos da mente do que com aqueles do corpo. Sobre essas bases podemos falar de uma primeira compreensão da beleza que é ligada, entretanto, às diversas artes que a exprimem e não têm um estatuto unitário: nos hinos, a beleza se exprime na harmonia do cosmo; na poesia, no encanto que faz os homens se deliciarem; na escultura, na apropriada medida e simetria das partes; na retórica, no ritmo justo. (Eco, 2004, p. 41)

Podemos perceber no decorrer da história as mudanças constantes do conceito de beleza devido aos fatores históricos, culturais e pessoais. Eco (2004) destaca alguns desses conceitos: na cultura ocidental o belo é relacionado ao bom; na Grécia Antiga em o coro das musas, “quem é belo é amado...”; a beleza dos filósofos: beleza ideal, beleza espiritual, beleza útil e funcional, beleza como

harmonia e proporção das partes e beleza como esplendor; para os deuses Delfos nas paredes do templo: “o mais justo é o mais belo”; na idade média a beleza fica entre o sacro e o profano; no século XV, beleza interior; no Renascimento, período que favorece a mulher, a beleza da nudez feminina; na Reforma protestante, a beleza prática; no Maneirismo, a representação da beleza cresce em complexidade; no Barroco, beleza além do bem e do mal; no Neoclassicismo vemos uma busca por uma beleza exótica; no século XVIII temos uma nova concepção do belo: o sublime; no século XX, a beleza do consumo.

Após vermos tantos conceitos usados para definir beleza no campo das artes ao longo da história, vale apresentar como Danto (2003) em seu livro *O abuso da beleza*, explora este tema de forma filosófica. Danto afirma que:

Continua a ser verdade que obras de arte constituem um conjunto restrito de objetos. O que mudou é que esses objetos não podem ser mais identificados facilmente, uma vez que qualquer coisa em que alguém possa pensar pode ser uma obra de arte, e aquilo que justifica esse prestígio não pode ser uma questão de mero reconhecimento. Atualmente já se assimilou o fato de que alguma coisa pode ser completamente semelhante a uma obra de arte e, ainda assim, não ser de jeito algum uma obra de arte. (Danto, 2003, pág. 18)

Danto (2003) utiliza como exemplo os objetos usados por Marcel Duchamp, que fazem referência à beleza industrial. Ele traz em suas obras, o conjunto de Ready-mades que quer dizer pronto-feito, com o intuito de mostrar que aos poucos a arte foi perdendo alguns critérios, que como a beleza, já não lhe eram mais inerentes. O primeiro ready-made foi criado por Duchamp no ano de 1912, foi utilizada uma roda de bicicleta montada sobre um banquinho (figura 1). A partir dessa primeira obra, utilizou vários outros objetos como uma pá de neve, um acessório hidráulico, uma capa de máquina de escrever, um pente para cães, um urinol (figura 2), entre outros.

Figura 1 - “Roda de Bicicleta”, Duchamp, 1951.



Fonte: WordPress (site: <https://criticadeartebh.wordpress.com>) Acesso em 10 de jun. 2024

Figura 2 - “Fonte”, de Duchamp, 1917



Fonte: História das Artes (site: <https://www.historiadasartes.com>) Acesso em 10 de jun. 2024

Com a utilização de tantos objetos usados para representar a arte, Gardiner (2012) explica que a experiência da beleza torna-se um assunto pessoal e individualizado e suas concepções de beleza são alvos móveis. Portanto, além dos

fatores que afetam diretamente nos conceitos de beleza, como tempo, local e cultura, as experiências que cada indivíduo tem ao ter contato com determinada arte, pode mudar seu conceito em um segundo contato, podendo alterar suas preferências.

Gardner (2012) relata que os artistas Alexander Melamid e Vitaly Konar através de um estudo apresentaram algumas obras de arte projetadas em slides a habitantes de diferentes países com o intuito de considerarem quais obras eram belas e quais não eram. Independente do país escolhido, as pessoas demonstraram preferência por obras que mostram cenas naturais como lagos, montanhas, paisagens (figura 3), enquanto demonstraram uma certa apatia a obras que consistem de formas geométricas coloridas (figura 4). Vejamos alguns exemplos:

Figura 3 - “Paisagem de Vétheuil”, de Monet 1880.



Fonte: Santhatela (site: <https://santhatela.com.br>) Acesso em 10 de jun. 2024

Figura 4 - Composição VIII, de Kandinsky, 1922.



Fonte: Cultura genial (site: <https://www.culturagenial.com>) Acesso em 10 de jun.2024

Apesar de todas essas afirmações, vale lembrar que em uma boa parte do século XX acreditava-se que a noção de beleza ou a qualidade de belo não tinham mais nenhuma relevância, isso entre aqueles que se diziam conhecedores de arte. Há algumas pessoas que decidem julgar a beleza de uma obra de arte pelo seu valor financeiro, mas talvez esse valor a ela atribuído seja algo momentâneo, isto é, depois de um determinado tempo ela perca parte desse valor.

Podemos atribuir essa definição à beleza do consumo apresentada por Eco (2004), onde as pessoas consideram mais valioso o que custa mais caro, o que importa é o preço que pagam por determinado objeto ou coisa, sejam roupas, calçados, perfumes, joias, obras de arte, etc.

1.1. A relação entre o belo e o sublime

No final do século XVIII, quando deu início ao romantismo, a expressão belo foi se tornando insuficiente para explicar de que forma a beleza de uma obra de arte poderia tocar a alma humana, com isso o termo belo passa a ser substituído pelo termo sublime, o qual fica sendo usado com mais frequência pelos admiradores de arte. (Bellás, 2016)

Um pouco antes no século anterior, a concepção de belo já podia ser vista como uma ideia de sublime, foi quando ambos os termos avançaram em ambientes filosóficos. Foi no início deste período que as obras dos impressionistas foram rejeitadas como feias. Mas já há algum tempo essas concepções foram consideradas uma questão de gosto no que diz respeito às artes.

A palavra sublime pode ser entendida como aquele ou aquilo que se eleva ou aquele ou aquilo que se sustenta no ar. De acordo com o dicionário, seu real significado é: superlativamente belo, esteticamente perfeito, grandioso e elevado. Sublime em sua origem sempre esteve relacionado diretamente com a natureza por ser considerada misteriosa e extraordinária. (Oxford Languages, 2017)

Podemos perceber a partir daí que o sublime caracteriza-se por uma ampla e extensa lista de conceitos e se destaca por seu vigor que transcende o belo. Ao caracterizar um objeto ou uma obra de arte como sublime, estamos tentando definir

algo que vai além do belo, pois daí é que vem o gosto que nasce da vontade de definir o indefinível.

Kant (1790) escreveu em sua obra *Crítica da Faculdade do Juízo*, fazendo uma análise minuciosa sobre o belo, classificando-o em quatro categorias: qualidade, quantidade, finalismo e modo, da mesma forma analisou o sublime.

Kant (2005) afirma que o belo é determinado pelo juízo do gosto e que prova um prazer desinteressado. Ele diz que: ““Não se tem que simpatizar minimamente com a existência da coisa, mas ser a esse respeito completamente indiferente para em matéria de gosto desempenhar o papel de juiz” (Kant, 2005, p. 50), ou seja, para que algum objeto seja considerado belo é necessário que o indivíduo que faz a apreciação utilize a faculdade do gosto, o que o torna totalmente subjetivo.

Aqui abrimos um parêntese para citar o famoso ditado popular que diz que “gosto não se discute”, frase muito usada para por fim a uma discussão, especialmente quando se refere à definição de belo. Alguns filósofos como Platão, discordam dessa afirmação, para Platão gosto se discute sim até que se achem a verdadeira definição de belo.

Baseado nesse pensamento Kantiano, sobre a faculdade do gosto, pode-se afirmar que a definição de belo se dá a partir da contemplação que o indivíduo faz de um determinado objeto. De acordo com Kant (1995, p. 47) “para distinguir se algo é belo ou não, referimos a representação, não pelo entendimento ao objeto em vista do conhecimento, mas pela faculdade da imaginação [...] ao sujeito e ao sentimento de prazer ou desprazer.”

É possível dizer que os sentimentos pelo belo e o sublime possuem aspectos semelhantes, pois ambos nascem do juízo de reflexão e são desinteressados. O que difere tais sentimentos é a relação dos mesmos com o objeto de contemplação, pois o belo se refere à percepção da forma do objeto, já o sublime pode se assimilar ao disforme.

No intuito de uma melhor compreensão das diferenças entre o belo e o sublime, Kant distinguiu três modalidades: **o sublime terrível** que mistura a admiração da grandiosidade com o temor ou o horror, **o sublime nobre**, em que a admiração da grandiosidade se mistura com a nobreza assente na simplicidade, e

o sublime magnífico como um palácio residencial recoberto a ouro e pedras preciosas. Kant escreveu:

Os carvalhos altos e a sombra solitária no bosque sagrado são sublimes, as plantações de flores, sebes baixas, e árvores recortadas, formando figuras, são belos. A noite é sublime, o dia é belo. Os temperamentos que possuem o sentimento do sublime, quando a tremulante luz das estrelas rasga a parda sombra da noite e a lua solitária está no horizonte, são atraídos pouco a pouco pela calma silenciosa de uma noite de verão, as sensações supremas de amizade, de desprezo do mundo, de eternidade. O resplendor do dia infunde afãs de atividade e um sentimento de regozijo. O sublime comove, o belo encanta. O semblante do homem que se encontra em pleno sentimento do sublime é sério, às vezes rígido e ensombrado. Pelo contrário, a viva sensação do belo declara-se no olhar pela sua esplendorosa serenidade, por sorrisos rasgados e por um claro regozijo. (Kant, 2008, p.32)

Muitos autores escreveram sobre a relação entre o belo e o sublime, Eco (2014) escreveu que belo é tudo aquilo que é definido pela forma que aprendemos. Para o autor, “o belo é algo que como tal se mostra para nós, que o percebemos, que está ligado aos sentidos, ao reconhecimento de um prazer, é ideia predominante em ambientes filosóficos diversos” (Eco, 2014, p. 275-277). Ele considera que o sublime possui uma força capaz de produzir a maior emoção que o espírito é capaz de sentir.

Já Burke (1993) contradiz várias afirmações e conceitos que já vimos sobre sublime. Segundo ele o sublime se opõe ao belo, ele diz que o belo está relacionado à graça, à clareza de cores e à elegância, enquanto o sublime está relacionado à obscuridade, à solidão, ao silêncio, ao terror, podendo despertar a sensação de dor e perigo.

São várias as perspectivas e experiências que o belo e o sublime nos demonstram, porém podemos observar que as experiências causadas pelo sublime são mais perturbadoras, ao passo que o belo nos transmite na maioria das vezes a imagem do bem, “O belo está ligado à concordância de nossas faculdades, o sublime a seu conflito.” (Jimenez, 1999, p. 144)

Vários autores concordam quando afirmam que o belo é harmônico e que o sublime pode ser disforme. O belo nos causa prazer, o sublime prazer e dor, o belo está ligado à sensibilidade, o sublime à razão. “O sublime distingue-se do belo pelo feito de provocar perturbações filosóficas ligadas a uma mistura de dor e prazer.” (Jimenez, 1999, p. 136)

Deleuze (1963) já havia apresentado esse mesmo raciocínio, para ele o juízo do gosto manifesta no expectador um acordo, uma harmonia entre duas faculdades: imaginação e entendimento. Nesse sentido o autor afirma que: “é por isso que a imaginação parece perder a sua liberdade e o sentimento do sublime, uma dor mais do que o prazer.” (Deleuze, 1963, p. 58), e é nesse momento que surge um acordo, a dor torna possível o prazer.

São vários os sentimentos e sensações que o indivíduo é capaz de sentir ao se deparar com uma obra de arte bela e de grande valor. Em 1817 o escritor francês Stendhal (1783-1842), pseudônimo de Henri-Marie Beyle, relata que sentiu uma forte emoção ao ficar frente a frente a uma obra de arte que possuía uma beleza imensurável, os afrescos do renascentista Giotto de Bondone (1276-1337) que se encontram no teto da Basílica de Santa Croce em Florença na Itália (figura 5). Ele contou que ficou extremamente emocionado ao contemplar tão bela obra e que teve alucinações e chegou a passar mal.

Figura 5 - Basílica de Santa Croce, Bondone, 1318



Fonte: Brasil Paralelo (site: <https://www.brasilparalelo.com.br>) Acesso em 08 de jun. 2024

Stendhal (1783-1842) também foi intimamente tocado ao se encontrar diante dos túmulos de alguns grandes nomes da história, cujos restos mortais

estavam no interior da igreja: Michelangelo Buonarroti (1475-1564), Niccolò Machiavelli (1469-1527) e Galileu Galilei (1564-1642).

Em 1817, Stendhal (1783-1842) descreveu seus sintomas em detalhes pela primeira vez. Isso foi publicado no livro *Nápoles e Florença: uma viagem de Milão a Reggio*. Ele conta que caiu numa espécie de êxtase, ao pensar na ideia de estar em Florença, próximo aos grandes homens cujos túmulos tinha visto. Diz que estava absorvido na contemplação da beleza sublime e que sentiu palpitações no coração e caminhava com medo de cair.

Alguns anos depois, em 1979, a psiquiatra Graziella Magherine descreveu e nomeou esta forte emoção sentida por Stendhal, como Síndrome de Stendhal. Esta Síndrome, hiperculturemia ou síndrome de Firenze (Florença) é um tipo de doença psicossomática, o que significa que as alterações de espírito são sentidas fisicamente. Ela pode causar desde simples aceleração cardíaca até alucinações e desmaios quando uma pessoa é exposta a obras de arte de extraordinário valor financeiro e estético.

Além de Stendhal, (1783-1842) centenas de pessoas relatam ter tido sintomas assim em circunstâncias parecidas. A Síndrome de Stendhal pode afetar pessoas que são especialistas ou não no campo das artes, e a pessoa afetada permanece em êxtase contemplativo emocional muito envolvente, na presença de uma enorme beleza.

CAPÍTULO II - Percepções estéticas e avaliação do belo na arte/educação

Podemos perceber que em diversos contextos, a palavra belo está relacionada com a estética, no entanto, de acordo com algumas teorias filosóficas, a estética não possui nenhuma relação com o belo. Segundo Iser (2001), a palavra estética foi definida por Baumgarten (1714-1762) em 1735 como sendo a ciência de como as coisas podem ser conhecidas pelo sentido. (Iser, 2001, p.35)

Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762), fundador da estética, desenvolveu uma teoria estética que se baseava na experiência subjetiva do belo. Ele acreditava que havia duas formas distintas de perceber o belo: pela razão e pelos sentidos. Para ele, as duas formas se completam mutuamente. Ele também alegou que a beleza era algo que poderia ser avaliado quanto a medida e calculado quanto a sua dimensão. Assim, ele criou um sistema de avaliação estética

totalmente baseado na capacidade de um objeto de despertar sentimentos agradáveis. Esses sentimentos agradáveis eram chamados de “sentimentos estéticos”.

Quando falamos em estética nos deparamos com um de seus problemas fundamentais, a questão do gosto. Alguns autores consideram que é preciso conhecer bem uma obra de arte para depois apreciá-la, mas outros consideram que no momento em que temos contato com a obra, as sensações espontâneas que sentimos são suficientes para que possa existir um gosto válido. Diante desta controvérsia, o filósofo Kant (1724-1804) enfrentou tais desafios podendo assim afirmar que todo esse universo que envolve o campo das artes é sempre prolixo e complexo

Considerando a questão do gosto, o belo passou a significar ao longo do tempo algo que agrada, algo que provoca admiração. Nisso, percebe-se que o conceito de belo é algo amplo, em que a estética em si e a ideia de valores se combinavam.

O belo se projeta na aparência de um determinado objeto, e nos valores e sentimentos que a apreciação de tal objeto pode despertar. Quando se refere à aparência do objeto, logo associamos ao que Kant (1995) chamou de juízos estéticos, para ele os julgamentos estéticos desfrutam de autonomia, pois não depende de nenhum outro tipo de experiência.

No momento em que se aprecia determinado objeto, é possível que o ato do juízo estético seja prazeroso pois não está preso a nenhum conceito e isso independe se o objeto é considerado feio ou que seja um acontecimento trágico, ainda assim é possível provocar prazer estético. Portanto, podemos dizer que o belo pode ser visto mesmo em obras esteticamente assombrosas e hediondas.

Apreciar a beleza de um objeto ou uma obra de arte, não significa necessariamente desejar possuir tal objeto. Kant (1995, p.55) afirma que:

O gosto é a faculdade de ajuizamento de um objeto ou de um modo de representação mediante uma complacência ou descomplacência independente de todo interesse. O objeto de uma tal complacência chama-se belo”.

Para o filósofo, os juízos a respeito do belo são baseados em sentimentos de prazer, já o juízo estético se apresenta o contrário, ele transmite sentimentos que se originam de uma percepção. Vale ressaltar que o julgamento estético não

persegue o agradável e nem o bem, ele também busca o prazer, porém estamos falando de um prazer sem desejo. Nesse sentido Kant (1995, p.54) diz que:

O agradável chama-se para alguém aquilo que o deleita; o belo aquilo que meramente o apraz; o bom aquilo que é estimado, aprovado, isto é, onde é posto por ele um valor objetivo”.

2.1. O belo e suas percepções estéticas na arte

Podemos ver que, por um olhar filosófico, a estética não tem nenhuma associação direta com o belo. Contudo, alguns autores como Hegel (1974, p. 87) diz que “ a estética é a ciência do belo, mais especificamente do belo artístico.” Diante disso, entende-se que a estética não se prende à dimensão do belo, menos ainda à arte, embora se relacionam de forma estreita.

Assim como Hegel (1974), Schiller (2002) define a estética como a arte do belo. Ele nos leva a compreender o conceito de beleza e nos mostra que ela existe de forma equilibrada entre sentimento e entendimento entre forma e matéria. Mesmo apresentando o belo em um contexto mais amplo, para além da obra de arte, Schiller afirma que:

A beleza não é nem estendida a todo âmbito do que é vivo nem se encerra nele. Um bloco de mármore, embora seja e permaneça inerte, pode mesmo assim tornar-se forma viva pelo arquiteto e escultor; um homem, conquanto viva e tenha forma, nem por isso é uma forma viva. Para isso seria necessário que sua forma fosse viva e sua vida, forma. Enquanto apenas meditamos sobre sua forma, ela é inerte, mera abstração; enquanto apenas sentimos sua vida, esta é informe, mera impressão. Somente quando essa forma vive em nossa sensibilidade e sua vida se forma em nosso entendimento o homem é forma viva, e este será sempre o caso quando o julgamos belo (Schiller, 2002, p. 77-78)

Para Schiller (2002), a estética pode ser aprendida, como também o belo pode e precisa ser aprendido, e essa aprendizagem se torna necessária e se dá aos poucos, devagar e de forma equilibrada entre sentimento e entendimento como já foi falado.

O ser humano possui uma necessidade de aprender e apreciar o belo, e essa necessidade se apresenta de acordo com Schiller (2002, p. 103) da seguinte maneira:

Sem que tomemos em consideração alguma lei ou fim, o homem pode aprazer-nos na mera contemplação e apenas por seu modo

de aparecer. Nesta última qualidade, julgamo-lo esteticamente. Existe, assim, uma educação para a saúde, uma educação do pensamento, uma educação para a moralidade, uma educação para o gosto e a beleza. Esta tem por fim desenvolver em máxima harmonia o todo de nossas faculdades sensíveis e espirituais

De acordo com esta afirmação consideramos que podemos ser educados para as diversas áreas do conhecimento, inclusive para o gosto, a estética e a beleza. Notamos, porém que Schiller (2002) não tinha seu foco voltado para a experiência estética na escola. Neste campo da estética, destacamos o educador e filósofo Freire (2008), que nos apresenta de maneira mais completa a relação entre estética e educação.

Esta relação que Freire (2008) faz entre educação e estética tem alguns pontos que se assemelham e outros que se distinguem da visão de Schiller. Freire (2008) nos apresenta a educação como uma obra de arte, ou como processo criador:

Ensinar é assim a forma como toma o ato de conhecimento que o(a) professor(a) necessariamente faz na busca de saber o que ensina para provocar nos alunos seu ato de conhecimento também. Por isso, ensinar é um ato criador, um ato crítico e não mecânico. A curiosidade do(a) professor(a) e dos alunos, em ação, se encontra na base do ensinar/aprender (Freire, 2008, p. 81).

Para Freire (1986) o ensinar, o processo criador se transforma esteticamente em obra de arte. Vejamos esse trecho que reforça a ideia da sala de aula como obra de arte:

Outro ponto que faz da educação um momento artístico é exatamente quando ela é, também, um ato de conhecimento. Conhecer, para mim, é algo de belo! Na medida em que conhecer é desvendar um objeto, o desvendamento dá "vida" ao objeto, chama-o para a "vida", e até mesmo lhe confere uma nova "vida". Isto é uma tarefa artística, porque nosso conhecimento tem qualidade de dar vida, criando e animando os objetos enquanto estudamos (Freire, Shor, 1986, p. 145).

Para Freire (1986), é impossível educar sem antes ter tido uma experiência estética. Em entrevista a Shor (1986) Freire diz que o professor está em um constante processo de formação, e esse processo pode ser chamado de processo artístico, quando é questionado sobre a estética crítica do professor-artista, Freire responde que concorda plenamente em que se chame o professor de artista. (Freire, 1986, Shor, 1986)

Tanto Schiller (2002) quanto Freire (1986) nos apresentam a importância da educação estética na formação do ser humano, seja no cotidiano da vida ou na

educação, na vivência escolar. Com isso podemos dizer que na confecção de uma obra de arte, o artista aprende fazendo, mas para Freire (1986), o educador é o artista e a educação a obra de arte.

Diante desses fatos, apresento algumas concepções de belo na arte/educação atual, através de entrevista feita a professores de arte e alunos do ensino fundamental II em duas escolas da rede pública de educação e uma pública/privada.

2.2. Entrevistas

Após as leituras dos textos e análises de vários autores sobre o belo em relação à arte durante vários períodos da história, visitei algumas escolas de Ensino Fundamental II do município em que moro, sendo duas escolas públicas e uma público/privada, e realizei uma pesquisa a respeito de como o belo é visto hoje, como é avaliado nas aulas de arte.

Ao visitar as escolas percebi o quanto o empenho e dedicação do professor é importante para o desenvolvimento e criatividade dos alunos. Dos três professores entrevistados apenas um possui formação em Artes Visuais, porém, dos três um demonstrou ter mais dificuldade com a disciplina e conseqüentemente, mais dificuldade para fazer uma análise do papel do belo no campo das artes e definir como é feita sua avaliação.

Freire (1986) disse que ensinar é uma arte e o professor deve ser chamado de artista. Olhando para as dificuldades dos professores de arte, tanto pela estrutura da escola, falta de materiais, quanto pelo desinteresse dos alunos, realmente precisam ser artistas para conseguir realizar bem seu trabalho.

Na realização da entrevista foi pedido aos professores que fizessem uma análise do belo no campo das artes sobre conceitos e importância, as respostas foram variadas quanto ao conceito de beleza. Belo é aquilo que tem harmonia, clareza, que transmite sentimentos, emoções, é o que parte da realidade divina associado aos sonhos e pensamentos.

Ao conceituar o belo como algo que possui clareza, recordamos das palavras de Burke (1993) quando ele diz que o belo está relacionado à clareza de cores, enquanto que ao definir o belo como algo que parte da realidade divina e que transmite sentimentos e emoções, faz uma ligação direta com o que Eco

(2014) diz a respeito do sublime por possuir uma força capaz de produzir a maior emoção que o espírito é capaz de sentir.

Quanto à importância do belo em relação à arte, os três professores entrevistados concordam que a beleza é importante para a arte, pois é a partir do belo que as cores e formas são apreciadas, além disso, para se produzir uma obra é preciso que seja feito com amor, e onde existe amor existe beleza, sem a beleza não há arte.

Ao perguntar como o belo é avaliado nas aulas de arte, as respostas foram semelhantes:

Através do que é proposto nos conteúdos, analisando a criatividade e dedicação de cada aluno, e ao final da atividade é feita uma auto avaliação, você gostou? Ficou bonito? (PP)

De acordo com o que é feito com dedicação e amor. (PS)

De acordo com o acabamento e capricho. (PM)

Podemos observar a importância de estimular os alunos nas aulas de arte, pois de acordo com os professores, a avaliação é feita principalmente observando a criatividade, dedicação, capricho e acabamento de cada aluno. É importante que o professor estimule seus alunos pelo gosto da arte, independente da técnica que cada um possui, pois quando se refere ao belo sabemos que as opiniões são divergentes, o que é belo para um pode não ser belo para o outro, onde podemos adentrar na filosofia de Kant (2005) quando afirma que o belo é determinado pelo juízo do gosto.

Podemos ver durante a história da arte várias mudanças relacionadas ao conceito de belo. Eco (2004) mostra inúmeras variações da definição de belo ou beleza no decorrer da história. Perguntados sobre quais percepções teriam sobre essas mudanças, principalmente nos últimos tempos, os professores falaram sobre a inversão de valores que estamos vivendo, é como se o belo tivesse perdido o significado, mas não temos um novo termo para substituí-lo como foi feito no final

do século XVIII, quando o belo foi substituído pelo sublime como mostra Bellas (2016), hoje para muitos o feio se tornou bonito e o bonito se tornou feio.

Ao serem perguntados sobre como analisar um desenho ou uma arte feita pelos alunos levando em consideração a subjetividade de cada um, as respostas demoraram um pouco mais, pois essa é uma área complexa e que varia muito de um indivíduo para o outro, até porque cada pessoa possui sua própria opinião em relação ao que lhe agrada ou desagradar, ao que lhe causa prazer ou desprazer. Porém ambos os professores concordam que é preciso considerar sim a subjetividade de cada aluno, pois cada pessoa é capaz de ter suas percepções individuais, cada aluno tem suas limitações e isso deve ser observado e respeitado em sala de aula.

Quando falamos em subjetividade, pensamos logo na afirmação de Eco (2004), para ele a beleza é subjetiva e variável por depender do local (povo, região e cultura), e isso a faz ser de difícil denominação, daí a importância de considerar a subjetividade de cada aluno, pois entendemos que além de cada indivíduo ser capaz de sentir suas próprias emoções, também é preciso observar o local de onde esse indivíduo vem, região em que mora, a cultura em que foi criado, isto influenciará diretamente nas suas percepções, criatividade e reações diante de um momento de apreciação ou criação de uma obra de arte ou de um simples desenho.

Podemos observar que muitos autores concordam que devido às inúmeras transformações que a arte sofreu ao longo dos séculos, atualmente ela parece estar mais relacionada à expressão de sentimentos e emoções do indivíduo, tanto do autor que produz a arte, quanto do espectador que aprecia a arte. Portanto, para analisar o belo em uma mesma obra de arte temos que considerar pelo menos duas subjetividades: do autor e do espectador.

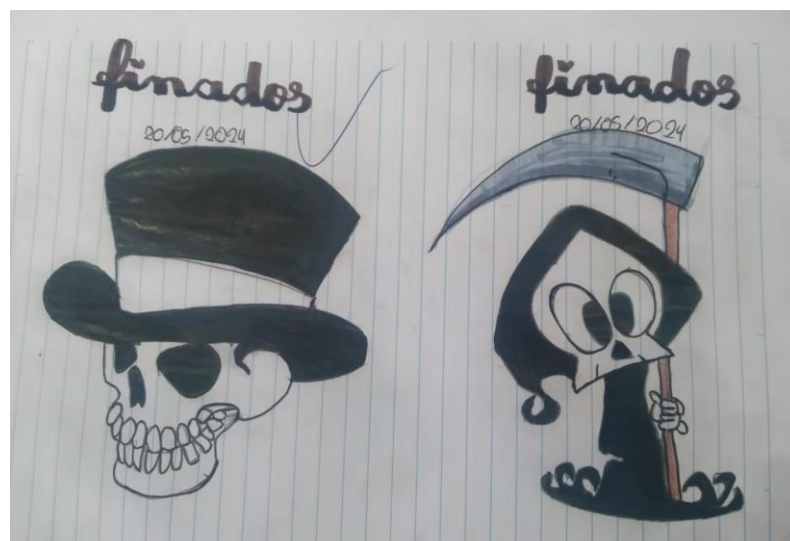
Para entender melhor essa subjetividade, temos alguns desenhos feitos pelos alunos das escolas visitadas, cada desenho representa o gosto e preferência de cada aluno. Veja as figuras 6, 7, 8 e 9:

Figura 6 - Isabella - 13 anos - 8º ano



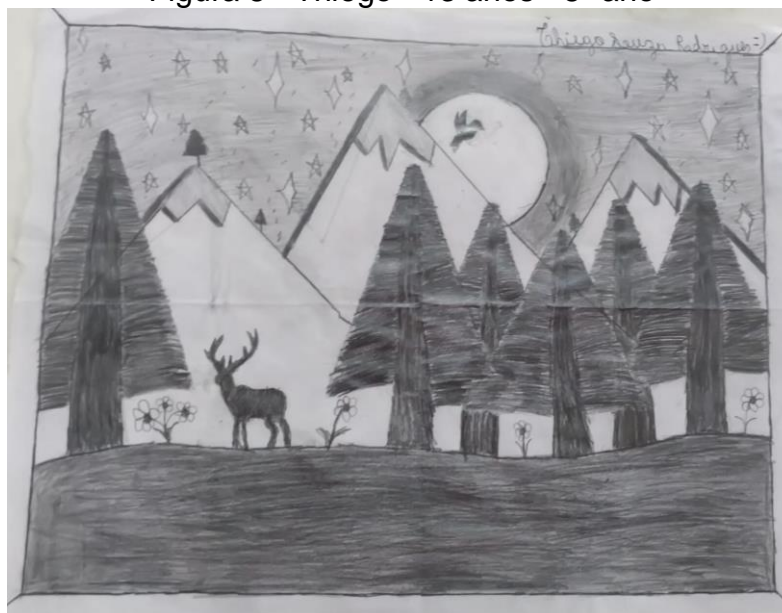
Fonte: Costa, 2024

Figura 7 - July - 11 anos - 7º ano



Fonte: Costa, 2024

Figura 8 - Thiego - 13 anos - 8º ano



Fonte: Costa, 2024

Figura 9 - Rafael - 13 anos - 8º ano



Fonte: Costa, 2024

Podemos observar nesses desenhos, considerados belos por seus autores, a subjetividade de cada um, onde percebemos a expressão de sentimentos e a

criatividade dos autores. É importante atentarmos para a proposta que foi dada pelo professor na realização da atividade, mas também é importante observar que independente da proposta, é possível observar a técnica, o traço único deixado por cada autor.

Continuando com a entrevista, agora com os alunos, foi perguntado o que é preciso para que uma obra de arte seja considerada bela? Ambos falaram das cores, que é preciso que tenha cores quentes e que chame a atenção, tem que ser interessante, que seja importante para o autor e expresse seus sentimentos, ou seja, a maioria mostra ter preferência por obras que trazem cores fortes levando em consideração a subjetividade do autor, as emoções que o autor sentiu ao realizar a obra deixando-as transparecer em sua arte no intuito de tocar todos que a apreciarem.

Outra pergunta feita aos alunos foi: o que o belo nos proporciona? dependendo do momento pode nos trazer felicidade. Ao olhar para uma pintura bela sinto vontade de reproduzi-la, além de achar legal, responderam alguns alunos. As respostas para uma pergunta semelhante a essa, se a contemplação do belo nos causa prazer foram interessantes, alguns responderam que sim, que se sentem feliz e que dá uma sensação boa quando contemplam algo belo, porém um aluno respondeu que não causa prazer, que não sente nada, que ao contemplar o belo ele se sente cansado.

Nesse caso podemos fazer uma ligação ao que disse Burke (1993) em relação ao sublime. Para ele, o sublime está relacionado à obscuridade, à solidão, ao silêncio, ao terror, podendo despertar a sensação de dor e perigo. Vejo a importância de ser inserido na educação os conceitos de beleza quanto à estética e o sublime, termos que estão relacionados ao belo, especialmente no campo das artes. As aulas de arte devem ir além do desenhar e pintar, é preciso estudar e compreender o belo, mas não é isso que a maioria das escolas estão ensinando. O belo precisa ser apreciado e contemplado e não precisa estar relacionado só à arte ou às aulas de arte, o belo faz parte do nosso cotidiano.

Foi pedido a alguns alunos que falassem de uma obra de arte conhecida que eles consideram bela, a maioria citou o quadro pintado por Leonardo da Vinci (1452-1519) mais conhecido como Mona Lisa (figura 10). O pintor deu início à obra no ano de 1503 terminando em 1506. A obra está localizada no Museu do Louvre em Paris, na França.

Figura 10 - Mona Lisa, Leonardo da Vinci, 1503-1506



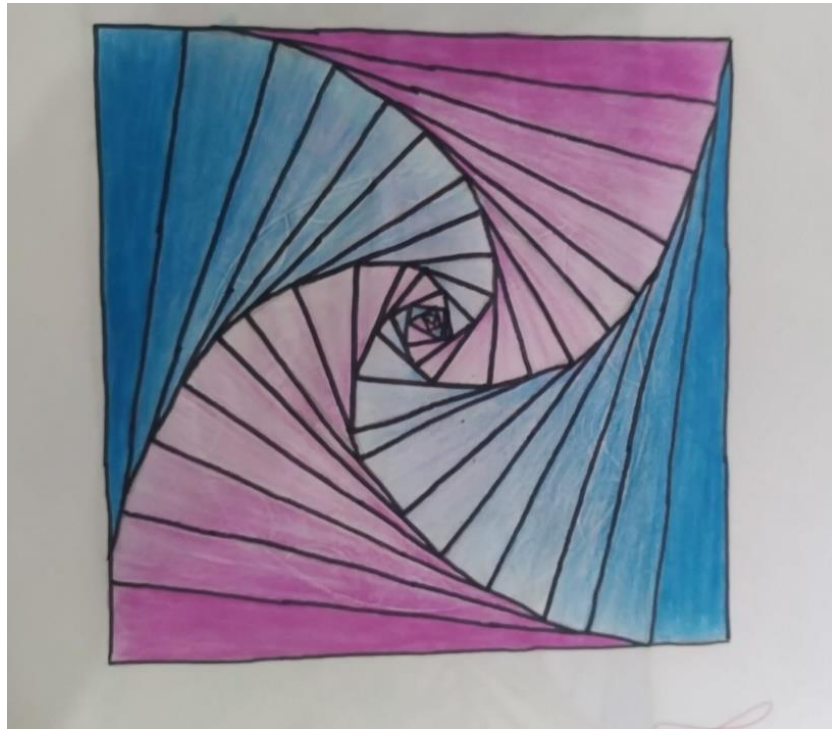
Fonte: Mundo Educação (site: <https://mundoeducacao.uol.com.br>) Acesso em 19 de jun. de 2024

Para encerrar a entrevista com os alunos foi perguntado se a beleza importa, a resposta da maioria foi sim, afirmaram que a beleza é fundamental, é essencial. Porém um aluno respondeu que depende, nem sempre a obra vai ser bela, não aos olhos de alguns apreciadores, mas é preciso observar o que o artista quer expressar, quais sentimentos deseja expressar através daquela obra. No caso dos alunos em sala de aula, ele disse que também é preciso levar em consideração o esforço de cada um, porque nem sempre conseguimos passar para o papel ou para uma tela aquilo que gostaríamos e imaginamos.

Em vários momentos afirmamos que o belo importa porque independente de ser um conceito tradicional, definido por vários autores, para muitas pessoas ele é essencial não só na arte, mas na vida, pois o belo nos causa prazer, nos traz sensações boas, nos leva de encontro à verdade e à felicidade.

Para expressar melhor as opiniões dos alunos, fotografei algumas artes feitas por eles nas aulas de arte, nelas é possível perceber a subjetividade de cada um. Veja a seguir: figura 11, 12, 13, 14 e 15.

Figura 11 - Anna Júlia - 13 anos - 8º ano



Fonte: Costa, 2024

Figura 12 - Leonardo - 11 anos - 6º ano

Espada feita de origami



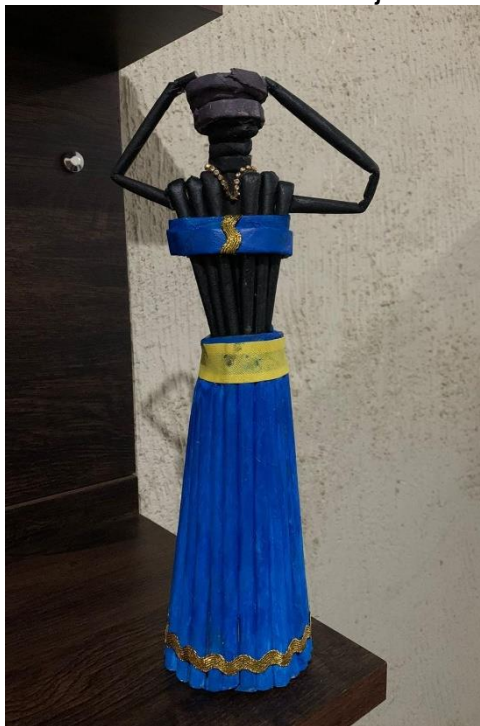
Fonte: Costa, 2024

Figura 13 - Hanna - 14 anos - 8º ano



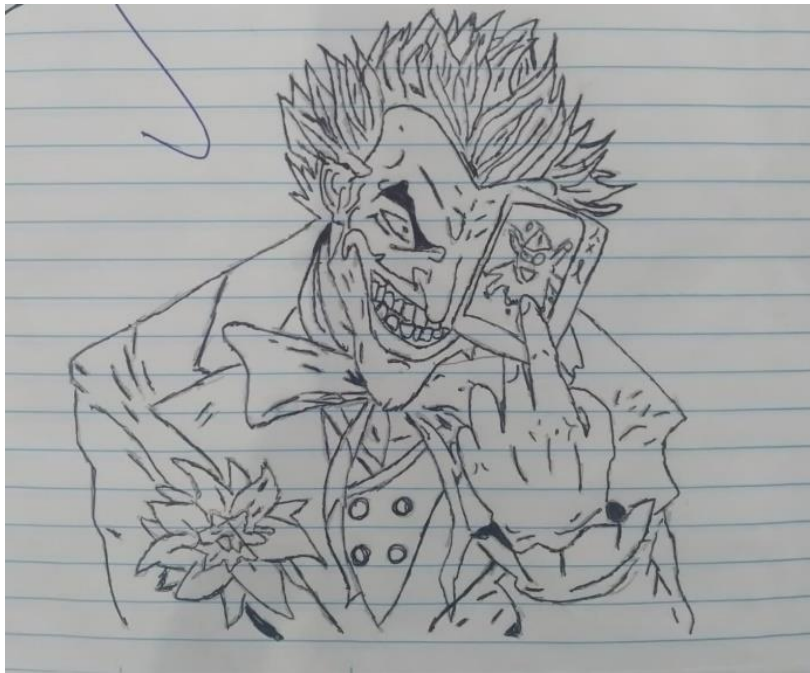
Fonte: Costa, 2024

Figura 14 - Maria Rita - 12 anos - 8º ano
Boneca feita de cone e jornal



Fonte: Costa, 2024

Figura 15 - Erick Eduardo - 12 anos - 7º ano



Fonte: Costa, 2024

São várias expressões de sentimentos e emoções que estão relacionados a estes desenhos e objetos. Percebi durante a entrevista que alguns sentiam prazer e orgulho em demonstrar suas artes, enquanto outros ficavam constrangidos e envergonhados. O curioso é que até mesmo o aluno que disse que se sente cansado ao contemplar o belo compartilhou seu desenho e disse que gostou de ter feito. Todos precisam ser incentivados a realizar atividades práticas nas aulas de arte, é importante que professores e alunos entendam que um desenho bonito, um objeto belo independe de opiniões, tudo é questão de se ter um olhar atento aos detalhes, à riqueza de detalhes que uma obra contém.

Ao final da entrevista agradei a todos pela disponibilidade e pela espontaneidade em responder às perguntas, percebi que alguns se sentiram importantes por poder contribuir com meu trabalho. Agradei também por compartilharem seus desenhos, objetos e principalmente por compartilharem seus sentimentos e emoções, pois quando falamos do belo, um tema tão complexo, entramos no íntimo de cada indivíduo, é como se invadissem um território restrito, protegido, o território da subjetividade de cada um, onde fica guardada a singularidade que diferencia cada indivíduo.

Considerações Finais

“A beleza está nos olhos de quem a vê.” (Platão – Atenas, 427-347 a.C.). Às vezes usamos certas frases no intuito de por um fim a discussões polêmicas, como podemos notar no que se refere ao conceito de beleza, principalmente no campo das artes. Falar de beleza sempre gera discussões e várias opiniões, ao usarmos esta frase atribuída a Platão, podemos despertar várias interpretações.

Podemos dizer que esta expressão diz respeito a uma beleza relativa, pois indivíduos diferentes podem discordar uns dos outros sobre algumas qualidades relacionadas a determinadas coisas, porque sua forma de se relacionar com o belo depende do local em que vive, povo, região e cultura (Eco, 2004). Também podemos interpretar esta frase como sendo portadora da subjetividade de cada indivíduo, isto porque a beleza está diretamente relacionada às experiências pessoais de cada indivíduo, achar ou não algo belo depende da forma que cada pessoa olha para determinadas coisas, objetos ou uma obra de arte.

O belo está por toda parte e se apresenta para nós, por isso devemos trazê-lo para o centro das nossas vidas. Um dia seremos recompensados por esta atitude e iremos receber, merecidamente, a satisfação e o revigoramento que o belo pode trazer para as nossas vidas. Por isso quando perguntamos se o belo importa, podemos afirmar que importa sim, mesmo que essa opinião seja da minoria, se uma pessoa consegue ver beleza onde ninguém mais vê, é sinal de que ali haja sim uma beleza, ainda que oculta.

O conhecimento e a apreciação do belo é muito importante para o desenvolvimento humano. Quando uma pessoa nasce, ela encontra um mundo repleto de coisas construídas pelas gerações anteriores à sua. Na medida em que vai crescendo, a pessoa se torna capaz de reconstruir significados para este mundo, pois cada ser humano tem a capacidade de desenvolver novas formas de pensar, e entender o belo se torna uma das maneiras mais adequadas para ampliar a sensibilidade criativa de uma pessoa.

É de conhecimento da maioria das pessoas que a arte possibilita o entendimento da realidade de maneira sensível, construtiva, diversa e colaborativa. Nisso podemos ver a importância de inserir a arte na vida da criança, isso terá um impacto em seu desenvolvimento. Esse contato direto com a arte irá proporcionar a esta criança o gosto, o prazer e a alegria que a arte provoca em quem convive com ela, fazendo com que a criança, ao atingir certa idade, consiga

apreciar uma obra de arte podendo perceber características que a faz tornar bela ou não de acordo com seu próprio julgamento crítico.

Através da experiência com a beleza, o indivíduo, criança, adulto, idoso, não importa a idade, experimenta sensações que possibilitam olhar de maneira mais sensível para o mundo que estamos vivendo, por isso alguns autores afirmam que a beleza pode ser subjetiva ou relativa, pois também depende de outros fatores.

Sabemos que a beleza pode ser encontrada em várias formas, tamanhos, cores e contextos. O belo se concretiza na sensação de prazer ao ser contemplado, um prazer desinteressado, ou seja, o indivíduo julga que um objeto é belo simplesmente porque o acha belo, isso não significa necessariamente que ele queira possuir ou consumir tal objeto, pois não desperta nenhum tipo de desejo no indivíduo que o contempla. (Kant, 2005)

Isso não significa que não exista prazer interessado. O prazer interessado está diretamente relacionado à comida e à bebida. Contemplamos a beleza de um prato bem feito, cheiroso, belo e apetitoso e naturalmente teremos o desejo de consumi-lo. Isto também acontece no campo das artes, quando nos deparamos com uma obra de arte bela, com cores vibrantes, traços que chamam atenção, sentimos o desejo de possuí-la ou reproduzi-la, como foi falado por alguns alunos durante a entrevista.

kant (2005) afirma que não existe nenhuma regra pela qual alguém seja obrigado a julgar que determinada coisa é bela, apesar de que muitos tentaram padronizar a beleza, o pensamento kantiano nos mostra de forma contraditória que não podem existir pensamentos universais acerca da beleza, existe sentimento de prazer, mas desinteressado, universalidade, mas sem conceito.

Danto (2003 p.27,) ao referir-se sobre o desaparecimento da beleza nos anos 1960, diz que “se qualquer coisa pode ser uma obra de arte e nem tudo é belo, a beleza não poderia ser realmente parte da definição de arte.”

Quando falamos que qualquer coisa pode ser uma obra de arte independente de ser bela ou não, o assunto se torna ainda mais complexo. Esta expressão mexe com o juízo do gosto de cada um e se condiciona aos sentimentos do artista no momento da criação ou da descoberta. Em um dia posso acordar e olhar para uma pedra, por exemplo, e considerá-la um objeto comum, mas em outro dia posso olhar para a mesma pedra e enxergá-la de forma diferente, começo apreciá-la e vou observando os detalhes do seu formato, suas cores, a posição

que ela está, e no outro dia ela pode estar fazendo parte de uma exposição de um artista renomado ou anônimo e será vista como uma obra de arte.

Na busca por uma arte que apresenta coisas e objetos cotidianos, ressaltamos que a arte contemporânea nos dá a possibilidade de produção com diferentes tipos de materiais, suportes e ideias. É um movimento híbrido, que transcende o universo das linguagens artísticas. A artista Marisa Seidel apresenta obras que trazem instalações, a partir da ressignificação de objetos do cotidiano, que, quando retirados de seu caráter utilitário, inserem-se em um outro espaço: o da Arte (Figura 16). Ela apresenta uma reflexão sobre uma suposta vida útil de objetos e de sujeitos, além de críticas ao capitalismo, à sociedade do consumo desenfreado, à produção incessante de lixo e a despreocupação com estes descartes. Suas obras envolvem objetos como esmaltes, esponjas orgânicas e industriais, cabelos, lâmpadas e cacos de vidros diversos. Vejamos um exemplo:

Figura 16 - Desk'Artes, Marisa Seidel, 2021



Fonte: (site: www.sesc-rs.com.br/galeriavirtual) Acesso em 22 de jun de 2024

A artista retira do lixo objetos do nosso cotidiano que passam por uma ressignificação, ou seja, o que era lixo passa a fazer parte de outro contexto: o da arte. Depois de concluído, o trabalho da artista nos leva a contemplar o belo através de objetos que não tinham nenhum valor, mas que nas mãos da artista são transformados e se tornam dignos de serem apreciados e reconhecidos como arte e arte bela.

Referências

BELLAS, João Pedro. **O Romantismo e o Sublime**. Anais do VII Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF Estudos de Literatura Anais do VII SAPPIL – Estudos de Literatura, Rio de Janeiro, UFF, no 1, 2016. [271]

BURKE, Edmund. **Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo**. Tradução, apresentação e notas de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, Editora da Universidade de Campinas, 1993.

CARVALHO, Edvaldo do Nascimento. **O componente curricular Arte no contexto do Novo Ensino Médio – abordagem, desafios e perspectivas**. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 22, nº 39, 18 de outubro de 2022.

DANTO, Arthur C. **O abuso da beleza: a estética e o conceito de arte**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015. DEWEY, John.

DELEUZE, Giles. **A filosofia crítica de Kant**. Tradução de Geminiano Franco. Lisboa/Portugal. Edição 70. 1963

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. **A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. IN: _____ e col. O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: ArtMed, 2006, p.15-41.

ECO, Umberto (Org.). **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FREIRE, P. SHOR, I. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GARDNER, Howard. **O verdadeiro, o belo e o bom redefinidos: Novas diretrizes para a educação no século XXI**. jun. de 2012 - Rio de Janeiro: Editora Rocco

HEGEL, W.F. Estética – **A ideia e o ideal**. Trad. Orlando Vitorino. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HUMMES, Julia Maria; DAL BELLO, Márcia Pessoa; DAL BELLO, Ubyrajara. **Relexões sobre o conceito de belo e sublime estendendo-se a arte contemporânea**. Revista da FUNDARTE. Montenegro, p.01-21, ano 20, nº 41, Abril/Junho de 2019. Disponível em: <http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>> 30 de junho de 2020.

ISER, W. **O ressurgimento da estética**. In: ROSENFELD, D. L. et al. Ética e estética. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

KANT, Immanuel. **Anthropology from a pragmatic point of view**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1978.

_____. **Observações sobre o sentimento do belo e do sublime**. 2. ed. Campinas, Trad. De Vinícius Figueiredo. São Paulo: Papyrus Editora, 1993.

_____. **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **Crítica da Faculdade do Juízo**. 2. ed. Trad. De Valério Rohden e Antônio Marques. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2005.

SCHILLER, F. **A educação estética do homem**. Trad. Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002

Endereços eletrônicos:

BRAGA, Eduardo Cardoso. (2011). As características do julgamento acerca do belo segundo Kant. Disponível em : <https://www.edubraga.pro.br/estetica-aesthetics/as-caracteristicas-do-julgamento-acerca-do-belo-segundo-kant/#:~:text=Trata%2Dse%20de%20um%20%E2%80%9Cprazer,no%20sujeito.> Acesso em 20 de junho de 2024.

MARCELLO, Carolina. S/N. 10 principais obras de Wassily Kandinsky para conhecer a vida do pintor. Cultura genial. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/obras-wassily-kandinsky-conhecer-vida-do-pintor/>. Acesso em 10 de junho de 2024.

MARTINS, Simone. 2018. História das Artes. Olho-vivo. Análise Estética. Obras Analisadas. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/fonte-marcel-duchamp/>. Acesso em 10 de junho de 2024.

RASTA NEWS. 2022. O belo. Entretenimento e educação. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/colunas/o-belo>. Acesso em 08 de junho de 2024.

REDAÇÃO BRASIL PARALELO. Entretenimento e educação. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/sindrome-de-stendhal>. Acesso em 08 de junho 2024.

SANTHATELA. Galeria online. Disponível em: <https://santhatela.com.br/claude-monet/monet-paisagem-de-vetheuil-1880/>. Acesso em 10 de junho de 2024.

SUBLIME. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3655/sublime>. Acesso em: 16 de junho de 2024. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

VIVAS, Rodrigo. 2017. WordPress. Roda de bicicleta. Memória das Artes Visuais. Disponível em: <https://criticadeartebh.wordpress.com/2017/01/16/marcel-duchamp-roda-de-bicicleta-1951/>. Acesso em 10 de junho de 2024.